

Do primeiro batimento ao eco: o coração fragmentado como imagem-dispositivo

Josiane Nogueira
Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ
josy@ufs.edu.br

Resumo

Este artigo propõe pensar o *coração fragmentado*, imagem criada pelo artista Rieux e espalhada pelos muros de São João del-Rei (MG) como imagem-dispositivo, à luz do conceito de dispositivo formulado por Michel Foucault (1995) e retomado por Gilles Deleuze (1996). A pesquisa, conduzida por meio da cartografia, entrelaça narrativas, fotografias e reflexões teóricas para compreender como essa imagem, inicialmente concebido como exercício técnico, expandiu-se em sentidos poéticos, políticos e educativos. O *coração fragmentado* articula memórias, afetos e experiências urbanas, instaurando deslocamentos e transformações que mobilizam corpos e subjetividades. Ao mesmo tempo, gesto de crítica e convite ao encontro, sua presença ressignifica superfícies, abre brechas no olhar cotidiano e cria modos outros de habitar o espaço urbano. Pensar com essa imagem é acompanhar seus batimentos como linhas de força que se movem, se entrelaçam e se afastam, compondo redes vivas, onde estética e vida se friccionam, fazendo da cidade um território de criação de outros mundos possíveis.

Palavras-chave: Arte urbana; Dispositivo; Cidade; Educação; Imagem.

Primeiro Batimento

O som compassado de um coração batendo anuncia o início desta escrita, um retorno às pulsações da minha Dissertação de Mestrado intitulada *Educação, estrangeiridade e arte urbana: cartografias afetivas em São João del-Rei*, orientada pela Pr^a. Dr^a. Giovana Scareli, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Trabalho em que cartografamos, em narrativas, as vivências e experiências de dois estudantes de graduação que inscrevem seus gestos na cidade por meio do grafite e da pichação. Aqui, volto o olhar para uma dessas presenças: Rieux¹, estudante de História, criador dos *corações fragmentados* que se multiplicam em muros, calçadas e superfícies inesperadas de São João del-Rei.

Conheci Rieux no ano de 2018, em reunião que antecedeu o Fórum de Artes Urbanas das Vertentes, encontro organizado por estudantes-artistas da UFSJ para discutir e afirmar a arte urbana que, à época, friccionava sobremaneira com a arte sacra predominante na cidade. Desde então, nossos diálogos se deram quase sempre na varanda de sua casa, onde o pôr do sol parecia participar da conversa. Entre o aroma do café recém-passado e histórias de infância, memórias de grafites, pichações e experiências coletivas, fui atravessada por um modo singular de viver e fazer arte: um fazer que ritma cotidiano e criação, afeto e crítica, silêncio e cor (Nogueira, 2023).

Dessas visitas nasceu o desejo de compreender como o *coração fragmentado* feito por Rieux atua na cidade: uma imagem que começou como acompanhamento da evolução técnica do estudante-artista, mas que se irradiou em sentidos poéticos, políticos e educativos

¹ Nome fictício do companheiro de pesquisa que participou da construção da Dissertação de Mestrado.

(Nogueira, 2023). Signo que evoco neste artigo para pensar a imagem como dispositivo, capaz de mobilizar lembranças, afetar corpos e reinventar o espaço urbano.

Para Michel Foucault um dispositivo é:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 1995, p. 244).

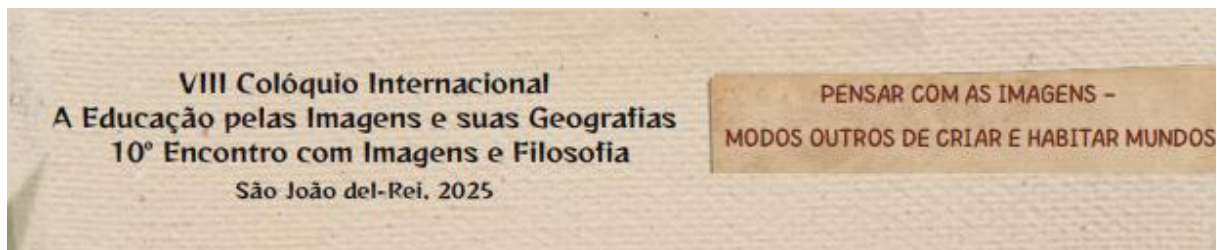
Entre os elementos do dispositivo, sejam eles discursivos ou silenciosos, existe um jogo sutil de deslocamentos e transformações, “[...] mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes”, movimentações que mantêm o sistema em constante tensão (Foucault, 1995, p. 244). Além disso, o dispositivo se entende como formação histórica, surgindo para responder a uma urgência, um impulso que nasce do tempo e da necessidade (Foucault, 1995).

Gilles Deleuze (1996, p. 1), retomando o conceito a partir de Foucault, descreve o dispositivo como “[...] uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear”, formado por múltiplas linhas de naturezas diversas que se movem em direções distintas, ora se aproximando, ora se afastando, gerando processos instáveis e dinâmicos. Cada dispositivo possui seu próprio regime de luz, organizando o visível e o invisível, permitindo que certos objetos surjam ou desapareçam, existindo apenas dentro desse contexto específico; e se “[...] uma historicidade dos dispositivos, ela é a dos regimes de luz; mas é também a dos regimes de enunciação” (Deleuze, 1996, p. 1-2).

A partir dessas perspectivas, o objetivo deste artigo é pensar o *coração fragmentado* de Rieux como uma imagem-dispositivo que pulsa na cidade, traçando linhas de força visíveis e invisíveis, tecendo redes que atravessam corpos e subjetividades. Como observa Foucault (1995), este signo entrelaça elementos heterogêneos como memórias, afetos e experiências urbanas, gerando deslocamentos e transformações que fazem vibrar sentidos diversos. Em diálogo com Deleuze (1996), suas linhas se entrecruzam e se afastam, iluminando cantos ocultos e projetando sombras que revelam modos inéditos de ver e habitar o espaço urbano. Na fricção entre estética e vida, o *coração fragmentado* cria mundos possíveis, educa corpos, desperta olhares atentos e atravessa, por seu pulso, aqueles que se deixam tocar por seus batimentos.

O pulsar do fragmento

O primeiro *coração fragmentado* que Rieux fez em São João del-Rei surgiu em 2016, inscrito na parede lateral de um posto de saúde no centro histórico da cidade (Imagem 1). Traços pretos, retos e pontiagudos, herdados da verticalidade de São Paulo, cidade que o viu iniciar sua trajetória, explodiam sobre a superfície descascada, anunciando presença, gesto e pulsação. Inicialmente, era apenas registro técnico, marca da própria evolução do artista; logo, entretanto, começou a vibrar em outros sentidos: tornou-se bússola da caminhada artística,



marcador de passos, sinal que (res)(des)organiza memórias espalhadas pela cidade (Nogueira, 2023).

Imagem 1: Primeiro *coração fragmentado* de Rieux em São João Del Rei, MG.



Fonte: Arquivo pessoal de Rieux, 2016.

Segundo Rieux, a parede já havia sido alvo de inúmeras tentativas de intervenção, todas recusadas pelas instâncias responsáveis. Nesta pichação o *coração fragmentado* se coloca no cotidiano, suscitando “[...] uma reação que se a adapte a ela ou a modifique”, incentivando, por exemplo, o questionamento *AQUI PODIA TER ARTE!*, uma denúncia silenciosa e, ao mesmo tempo, um convite aberto ao imaginário (Deleuze, 2005, p.14). Sete anos depois, em 2023, voltei ao local e fotografei a parede (Imagem 2).

Imagem 2: Primeiro *coração fragmentado* de Rieux em São João Del Rei, MG, sete anos depois...



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora-cartógrafa.

Se a matéria não se lembra do passado, é porque ela o repete sem cessar, porque, submetida à necessidade, ela desenvolve uma série de movimentos em que cada um equivale ao precedente e pode deduzir-se dele: assim, seu passado é verdadeiramente dado em seu presente. (Bérgson, 1999, p. 262.)

O *coração fragmentado* de Rieux ainda pulsava, ligeiramente desbotado, resistindo ao tempo; a superfície, mais gasta, marcada pelos anos, parecia ferida, carregando memórias da passagem do cotidiano. Entre o desbotado da tinta e a parede deteriorada, o coração continuava a bater, não como ruína, mas como insistência, lembrança que se recusa a desaparecer, gesto que persiste e se oferece à percepção de quem passa. Refletindo a partir de Henri Bérghson (1999), cada fragmento da pintura não apenas marca um instante, mas guarda camadas de memória, afetos e vivências, fazendo do coração um organismo que pulsa dentro do ritmo vivo da cidade, atravessando o presente com o peso do passado e a abertura para o futuro.

Articulando elementos heterogêneos como o espaço da cidade, a superfície do muro, a história de quem passa, a memória de quem observa; estabelecendo deslocamentos e transformações que mobilizam sentidos variados, produzindo efeitos de presença e resistência, na perspectiva de Foucault (1995). Em diálogo com Deleuze (1996), suas linhas fragmentadas se ligam a outras pichações, cruzando significados entre elas ao mesmo tempo em que novos modos de perceber e habitar o urbano de certo modo abandonado por quem lhe é institucionalmente responsável.

Nesse movimento, *o coração fragmentado* de Rieux atua como imagem-dispositivo, pulsando e atravessando corpos, educando olhares e sentidos, e convidando aqueles que o encontram a perceber que os espaços cotidianos da cidade podem ser renovados. Um signo que alerta para a possibilidade de criação de novos mundos, inscrevendo no cotidiano a potência de sentir, imaginar e reinventar o espaço urbano. Ao mesmo tempo, em sua força visual, o coração se apresenta como gesto de crítica, como em outra intervenção onde Rieux o pintou sobre a carcaça enferrujada de um caminhão de lixo abandonado (Imagem 3). Ali, com traços pretos, preenchido com a cor vermelha, seu coração articula simultaneamente crítica e convite à reflexão, abrindo fendas para mais uma vez percebermos, habitarmos e interagirmos com o urbano.

Imagem 3: Máquina para o desenvolvimento?



Fonte: Arquivo pessoal de Rieux (2018).

Durante a construção de outro *coração fragmentado* (Imagem 4), podemos perceber ainda como a imagem pulsa entre o artista e aqueles que presenciam seus gestos, entre memórias e experiências, transformando a cidade em um espaço de sentidos ocultos. Rieux compartilhou, em nossas conversas na varanda de sua casa, o episódio de uma senhora que permaneceu longos minutos diante da pintura, durante a sua construção, absorvendo cada fragmento. Essa atenção e pausa da transeunte fez o artista se questionar sobre o sentido de seu trabalho, refletindo se suas intervenções eram capazes de provocar experiências e afetos significativos.

Imagem 4: Faz sentido?



Fonte: Arquivo pessoal de Rieux, 2018.

Lembro de uma senhora que ficou sentada um tempão observando a pintura e depois de umas duas horas ela se levantou pra ir embora e ao passar por mim olhou com um sorriso e perguntou retoricamente: - Faz sentido? E saiu pensativa... Também estava pensativo. E é uma questão que me faço e me respondo quase todos os dias. Naquele dia pensei: Enquanto fizer sentir, faz sentido! (Nogueira, 2023).

À medida que se espalha, o *coração fragmentado* estabelece diálogos com memórias, afetos e experiências de quem passa e interage com ele. Cria um tempo próprio, distinto do ritmo apressado da cidade, convidando à pausa, à contemplação e à reflexão. Cada fragmento pulsa no corpo de quem observa, instiga encontros, provoca deslocamentos e abre caminhos para imaginar cidades possíveis. O sentido da obra não se limita à tinta ou à parede, mas se encontra na rede de afetos, percepções e sentidos que mobiliza, tornando a cidade um espaço vivo de experiência e criação.

Como organismo urbano, o *coração fragmentado* traça linhas que se entrelaçam e se afastam, revelando o invisível e iluminando cantos esquecidos. Cada fragmento vibra,

atravessa olhares, toca memórias e experiências, transformando ruas, muros e calçadas em mapas sensíveis. Ele faz da cidade não apenas um espaço físico, mas um território que respira, ensina e se reinventa.

Enquanto imagem-dispositivo, articula práticas, gestos e enunciados, produzindo deslocamentos e novas formas de perceber, sentir e existir na cidade. Cada pausa diante dele, cada olhar que o encontra, integra essa rede viva, pulsando coletivamente, como se cada batida fosse convite à contemplação e à criação de mundos possíveis (Foucault, 1995). Na fricção entre estética e vida, luz e sombra, o *coração fragmentado* revela que a cidade é terreno fértil para a imaginação, a sensibilidade e a potência de viver, sentir e transformar (Deleuze, 1996).

Mais do que figura ou intervenção, o *coração fragmentado* constitui espaço de encontro entre o artista e o público, entre memória e experiência, entre crítica e afeto. Cada batida, cada fragmento, cada gesto convoca a imaginar mundos diferentes, a criar modos outros de viver e habitar a cidade, mostrando que a arte urbana pode educar, mobilizar e transformar. Ao atravessar a cidade com seus corações, Rieux nos ensina que a imagem não apenas se vê: pulsa, se faz sentir, estabelece relações e tece redes (Foucault, 1995; Deleuze, 1996).

Pensar com as imagens, aqui, é pensar com o *coração fragmentado*. Não como coração partido, que remete à ausência ou à perda, mas como coração saturado de camadas, histórias e afetos. Ele não se quebra em pedaços para desaparecer; expande-se em fragmentos para multiplicar sentidos. Cada lasca carrega não apenas uma memória isolada, mas uma potência de conexão, funcionando como rizoma, conceito que recusa a lógica da raiz única e aposta em múltiplos pontos de ligação, sempre em expansão, sempre em devir (Deleuze; Guattari, 1995). O *coração fragmentado* não é um centro fixo, mas rede viva, feita de passagens, encontros e bifurcações.

Neste sentido, o pulsar do fragmento indica abertura, não fragilidade: abertura para ser atravessado pelo mundo e para atravessá-lo de volta. Como no rizoma, onde cada ponto se conecta a qualquer outro, cada fragmento toca a experiência de quem passa, engendra afetos inesperados e cria histórias novas. Não há hierarquia entre os pedaços: todos importam, pois carregam uma centelha do todo e, simultaneamente, algo que lhes é próprio.

Ecoss de um mundo por vir

Seja como figura ou intervenção, vimos que o *coração fragmentado* de Rieux pulsa na cidade como imagem-dispositivo, capaz de promover atravessamentos e abrir brechas no modo como nos relacionamos com o urbano. Ao longo do trajeto vimos como seus fragmentos não apenas expõem memórias e afetos, mas também instauram deslocamentos, invenções e críticas, fazendo vibrar novos sentidos para a cidade. Nesse movimento, experiências se entrelaçam buscando despertas sensibilidades que anunciam outras formas de habitar o espaço com comum.

Para muitos que o ouvem bater, o *coração fragmentado* não é apenas imagem: é memória que se inscreve, crítica que ecoa, afeto que se espalha. Ao ocupar espaços antes

silenciosos, converte o esquecido em presença, o abandono em território de existência e encontro. Ele pulsa na dobra entre o concreto e o simbólico, entre o visível e o invisível, entre o material e o sensível, desenhando cartografias afetivas que atravessam cada corpo que se detém diante dele.

Pensar com o *coração fragmentado* é perceber que ele não simboliza perda, mas constitui um mapa de intensidades, rizomático, que se expande, se conecta e se bifurca, gerando territórios temporários onde a vida urbana respira outros ritmos. Seus traços retos e pontiagudos não são barreiras, mas linhas de fuga, caminhos que escapam do dado e apontam para mundos possíveis. Cada fragmento carrega a potência de conexão, encontros inesperados, afeto compartilhado e sentidos multiplicados, mostrando que como imagem-dispositivo não se encerra na parede ou na tinta, mas se prolonga em quem é capaz de percebê-lo. Espalhados pelas ruas, esses fragmentos são ecos de um mundo por vir, pulsos que convidam a habitar outros tempos, perceber a cidade de maneiras novas e criar mundos possíveis dentro do mundo que já nos envolve.

Referências

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DELEUZE, G. **A imagem-tempo**. Tradução Eloisa de Araújo Ribeiro; revisão filosófica Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G. **O que é um dispositivo?** In: DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariana. Ed. Veja: Passagens. Lisboa, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Volume 01. Rio de Janeiro: 34. 1995.

FOUCAULT, M. **Sobre a história da sexualidade**. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 243-276.

NOGUEIRA, J. **Educação, estrangeiridade e arte urbana: cartografias afetivas em São João del-Rei**. 2023. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2023. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/mestradoeducacao/dissertacoes.php>. Acesso em: 03 ago. 2025.